PRÓCLISE E ÊNCLISE EM VARIAÇÃO NO AUTO PASTORIL PORTUGUÊS

Mireia Lêda Silva Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-9616-9627
Endereço eletrônico: mireialeda12@gmail.com

Cristiane dos Santos Namiuti
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1451-8391
Endereço eletrônico: cristianenamiuti@gmail.com

Palavras-chave: clíticos; sintaxe; teatro vicentino; variação pronominal.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva discutir a sintaxe dos clíticos e o estatuto gramatical dessa sintaxe no *Auto Pastoril Português* (doravante APP), apresentando a colocação de clíticos em contexto de variação I e II, conforme a classificação de Galves (2015).

O APP é uma peça teatral de autoria de Gil Vicente, e, por ter sido produzida no século XVI, integra as obras do período tradicionalmente denominado Português Clássico (PCl), ou médio, de acordo com a proposta de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006). Segundo as autoras, o PCl, diferentemente do Português Antigo (PA) e do Português Europeu Moderno (PE), trata-se de um período proclítico em que a próclise predominava no contexto de Variação I enquanto nos contextos de de Variação II a ênclise podia ter uma frequencia superior por ser este contexto mais suscetível a questões prosódicas que favorecem o uso da ênclise no período.

Não obstante, Martins (2011), ao analisar 9 peças vicentinas e 48 personagens populares, verificou 245 sentenças com pronomes clíticos, em que 177 (72,24%) destas foram atestadas em orações com o pronome átono posposto e, dessa forma, a autora propôs uma gramática popular enclítica para o teatro de Gil Vicente. Para Martins (2011), coexistiam, portanto, duas gramáticas distintas e concorrentes: uma de caráter popular, que favorecia o

uso da ênclise, e outra erudita ou culta, cuja preferência recaía predominantemente sobre a próclise. Enquanto a norma culta se manifestava sobretudo nos textos literários, a norma popular encontrava expressão na fala das personagens populares das obras de Gil Vicente.

Silva-Santos e Namiuti (2024) analisaram a variação da próclise e da ênclise em dois autos vicentinos, a saber, a Tragicomédia *Serra da Estrela* e a *Romagem dos Agravados*, e atestaram que as frequências de próclise e ênclise não são afetadas pelo fator social e, sim, pelo contexto sintático.

Diante disso, para testar essas hipóteses, investigamos se o APP apresenta uma gramática popular enclítica, como apontado por Martins (2011), ou se exibe o padrão proclítico descrito por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) para o Português Clássico, e levantamos a seguinte questão: quais fatores regem a colocação pronominal no teatro vicentino e qual a natureza da variação ênclise vs. próclise? Mais especificamente, buscamos investigar se as falas presentes na obra vicentina são regidas por uma única gramática ou se revelam um cenário de competição entre gramáticas, nos termos de Kroch (2001), em que estruturas inovadoras, associadas a uma gramática em emergência, convivem com formas mais conservadoras, herdadas da gramática anteriormente vigente.

Desse modo, assumimos como hipótese que a distribuição dos pronomes clíticos no teatro vicentino não é determinada por condicionamentos de natureza social, mas por fatores sintáticos, em consonância com a proposta de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) para o Português Clássico. Nessa perspectiva, a próclise tende a ocorrer preferencialmente nos contextos classificados como Variação I, enquanto a ênclise é favorecida nos contextos de Variação II, refletindo uma gramática cuja organização é influenciada por aspectos de natureza informacional e prosódica.

METODOLOGIA

O *corpus* de análise foi constituído por dados coletados manualmente do *Auto Pastoril Português*, de Gil Vicente, obra disponibilizada no *Corpus* Históricos do Português Anotado – Tycho Brahe (CTB), um corpus histórico do português empregado em investigações de sintaxe diacrônica e reconhecido pelo detalhamento de sua anotação linguística.

Para a análise descritiva, foram considerados diferentes fatores linguísticos, a citar: (i) o tipo de personagem; (ii) o tipo de clítico; (iii) a colocação pronominal; e (iv) e o contexto

sintático, seguindo a classificação de Galves (2015), que distribui os domínios não dependentes em contexto de Variação I e Variação II.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o levantamento das falas que atestaram pronomes átonos, controlamos o tipo de personagem e sua representatividade social (rústicos e clérigos). Considerando os contextos de Variação I – principais e coordenadas neutras introduzidas por certos elementos - e de Variação II – principais e coordenadas iniciadas somente pela conjunção coordenativa (e, ou, mas) ou por oração adjunta – verificamos as seguintes ocorrências: 41 dados em Variação I sendo 32 dados (77%) de próclise (ex.1) e 9 de ênclise (23%) (ex.2); 5 dados em Variação II sendo estes todos de ênclise (100%) (ex.3), conforme apresentado nas tabelas 1 e 2.

(1) Eu te esperarei a portela (Caterina - popular)
(2) E tu tens-me tal entejo (Joane - popular)
(3) E dei-te eu a roca Catalina (Joane – popular)

Conforme demonstram as Tabelas 1 e 2, os personagens rústicos apresentaram alta frequência de próclise na Variação I e de ênclise em Variação II, indicando que a colocação é condicionada por fatores sintáticos, o que não confirma a hipótese de uma gramática popular enclítica (Martins, 2011). Quanto aos clérigos, o reduzido número de dados não permite determinar com precisão o padrão de colocação.

Tabela 1. Próclise e ênclise em Variação I por categoria de personagem

Posição do clítico	**Rústicos**	**Clérigos**	**Todos os personagens**
Próclise em Variação I	31 (77%)	1 (100%)	32 (78%)
Ênclise em Variação I	9 (23%)	0 (0%)	9 (22%)
Total	40	1	41

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Tabela 2. Próclise e ênclise em Variação II por categoria de personagem

Posição do clítico	Rústicos	Clérigos	Todos os personagens
Próclise em Variação II	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Ênclise em Variação II	5 (100%)	0 (0%)	5 (100%)
Total	5	0	5

Fonte: Elaborada pelas autoras.

CONCLUSÕES

Os resultados corroboram a proposta de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), ao indicarem que a língua representada no APP favorece a próclise nos contextos de Variação I e a ênclise nos de Variação II. Além disso, os dados não confirmam a hipótese de que a alternância entre próclise e ênclise decorra da coexistência de gramáticas distintas associadas a diferentes grupos sociais de personagens, conforme sugerido por Martins (2011), que postula a presença de uma gramática popular enclítica para o teatro vicentino. Ao contrário, os padrões observados revelam que a colocação dos clíticos é sistematicamente condicionada por aspectos de natureza sintática. Assim, os resultados reforçam a hipótese defendida por Silva-Santos e Namiuti (2024), segundo a qual a colocação pronominal no teatro vicentino reflete uma gramática orientada por fatores sintáticos e informacionais, em consonância com a caracterização do PCl proposta por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006) e retomada por Galves (2015).

REFERÊNCIAS

GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Novas perspectivas para antigas questões:** revisitando a periodização da Língua Portuguesa. In: ENDRUSCHAT, A.; KEMMLER, R.; SCHAFER-PRIEB, B. (Orgs.). Grammatische StruKturen des Europäischen Portugiesisch. Tubingen: Calepinus Verlag, p. 45-74, 2006.

GALVES, Charlotte Marie Chambelland. A ênclise no português clássico. Variação, gramática e uso. In: FIGUEIREDO, Cristina; ARAÚJO, Edivalda. (orgs.). **Diálogos com Ribeiro. Sobre gramática e história da língua portuguesa.** Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015. p. 61-77.

KROCH, A. Syntactic Change. In. Baltin & Collins (eds.). **The handbook of contemporary**

syntactic theory. Massachusetts. USA: BlackWell, p. 699-729, 2001.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino**. Estúdios de linguística galega, n. 3, p. 83-109, 2011.

SILVA-SANTOS, Mireia; NAMIUTI, Cristiane. Clíticos no teatro português quinhentista: variação e gramáticas nas tragicomédias Romagem dos Agravados e Serra da Estrela. In: Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica, 2024, Vitória da Conquista. **Anais do XXVIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica**. Vitória da Conquista: UESB, 2024.